11/05/2023, 16:57 https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FP…

O GLOBO • PROSA & VERSO • PÁGINA 4 - Edição: 15/08/2009 - Impresso: 13/08/2009 — 22: 35 h AZUL MAGENTA AMARELO PRETO

Do sertão à selva

Escritores e críticos discutem o complexo legado de Euclides da Cunha para a cultura brasileira

Mônica Imbuzeiro/28-11-2007

ATORES DE "Os Sertões", encenação de José Celso Martinez Corrêa, percorrem a região de Canudos: obra de Euclides ainda inspira o provoca artistas nacionais

A Amazônia de Euclides da Cunha

Ernesto Renan Freitas Pinto

• O projeto literário de Euclides da Cunha sobre a Amazônia foi interrompido por sua morte trágica. É certo, entretanto, que o conjunto de seus escritos sobre a região modificou completamente o modo de descrevê-la e interpretá-la. Em primeiro lugar, porque ela passa a ser vista como parte essencial e ao mesmo tempo problemática da identidade brasileira. Em segundo, porque ela passa a ser representada do ponto de vista dos trabalhadores que vão ocupá-la no processo de expansão dos seringais, vindos do Nordeste.

Seus escritos sobre a Amazônia — reunidos sob os títulos "À margem da História", "Contrastes e confrontos", "À margem da geografia" e em parte substancial de sua correspondência — contribuíram para um novo modo de abordar a região. Seu inconfundível estilo, embora nesse caso mais contido, de qualquer maneira enseja uma tendência que se expressa, em diferentes gradações, em toda a literatura de cunho regional (o que aliás nem sempre tem implicado em bons resultados). A recepção de sua obra deu origem também a uma espécie de culto conservador e retórico que permanece forte até o presente.

Embora à sombra de "Os Sertões", seus estudos e ideias sobre a Amazônia contribuíram para realimiá-lo como um dos mais importantes intérpretes do Brasil. Euclides questionou o progresso que se identificava como essencialmente superior e a República como capaz de nos libertar de nossas heranças oligárquicas, patriarcais e da escravidão, expressando uma descrença crescente em relação ao nosso futuro.

Sua obra de jornalista e escritor é marcada por esse compromettimento com o Brasil rústico, primitivo, segundo suas palavras. Ligação que se identifica com a ideia modernista de que só reencontramos nossas identidades profundas em nossa geografia desigual e em nossa história entrecortada pela herança do nosso passado patriarcal, do qual precisaríamos nos livrar. E nessas regiões mais primitivas e atrasadas que teríamos encontrar os elementos definidores de nossa condição de povo à margem da História.

Essa convicção contrasta com sua formação intelectual de engenheiro, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que teve a vida marcada por posicionamentos relacionados com a política do centro do poder.

A Amazônia constituía-se assim, para ele, uma das chaves para a compreensão e a redefinição de nossas perspectivas futuras. E certamente o que deixou escrito sobre a Amazônia deve ser considerado sob o aspecto de que o destino do Brasil e do povo brasileiro está comprometido com o destino que pudermos conferir a essa parte tão marcante de nossa geografia natural e humana.

Como litera com o Nordeste em "Os Sertões", Euclides pretendia escrever uma obra em que abordaria problemas característicos desse sertão ao norte, para o que já esboçara seus traços mais vivos, entre os quais: uma identidade geográfica singular, que envolve uma percepção transnacional de suas dimensões; uma nova concepção geopolítica que redefine os conceitos de fronteira então vigentes; uma abordagem da sociedade regional além de sua dimensão local, para incluir os seus componentes transnacionais. Ou seja, uma percepção da Amazônia não apenas como uma questão restrita ao Brasil.

Na verdade, muito mais do que fruto de sua observação direta, seu conhecimento da Amazônia resulta da leitura ao mesmo tempo ampla e crítica dos autores que lhe antecederam e dos quais reconstrói engenhosamente o pensamento. A título de exemplo, é possível afirmar que Euclides da Cunha contribuiu para recuperar vícios fundamentais sobre o vale do Amazonas, como é o caso da obra pouco citada até então, "O Tesouro descoberto do rio das Amazonas", obra do padre jesuíta João Daniel, escrita na prisão, que empreende um vasto inventário da situação da Amazônia do século XVIII.

ERNESTO RENAN FREITAS PINTO *é professor titular da Universidade Federal do Amazonas*

Reprodução / Acervo da Fundação Biblioteca Nacional

CENÁRIO AMAZÔNICO em desenho do Príncipe Adalberto da Prússia

Guilherme Freitas

A imagem comum que se tem hoje de Euclides da Cunha é um pouco como o retrato que ilustra o alto deste texto: um senhor sisudo, de bigode pomposo e olhar circunspecto, quase sempre lembrado como o autor daquele livro longo e difícil sobre uma guerra que o Brasil se envergonha de ter ganhado. O momento que marca os cem anos de sua morte, porém, convida a uma reflexão mais cuidadosa sobre a obra desse escritor que estever presente em momentos decisivos da história nacional: das lutas pela proclamação da República aos conturbados primeiros anos após a queda do Império; da desastrosa campanha de Canudos, onde descobriu o lado bárbaro dos ideais positivistas que aprendera na escola, às expedições pela Amazônia, que abriram seus olhos para as dilemas de uma região que começava a ser descoberta pelo resto do país.

Nesta página central, os escritores Milton Hatoum e Ronaldo Correia de Brito, o crítico Silviano Santiago e o professor Ernesto Renan Freitas Pinto discutem a influência da obra de Euclides na cultura nacional. O cearense Correia de Brito, autor do premiado "Galileia", romance em que se chocam o Nordeste moderno e o rústico, fala sobre a invenção do sertão e do seringueiro por Euclides. Para o escritor, é preciso criar uma nova maneira de olhar o sertão, que rejeite o regionalismo. Santiago analisa a forma como literatura, cinema e teatro se apropriaram dos temas de "Os Sertões". O crítico lê o romance "A casa da serpente", de José J. Veiga, como uma versão radical da utopia sertaneja liderada por Antônio Conselheiro.

O amazonense Milton Hatoum, que leu "Os Sertões" pela primeira vez como castigo no colégio, lerdo os ensaios em que Euclides vê no seringueiro um trabalhador escravizado. Hatoum lamenta a decadência da tradição do intelectual euclidiano, que percorre o Brasil para entender sua complexidade. E Freitas Pinto comenta a relação do autor com a Amazônia, "parte essencial e ao mesmo tempo problemática da identidade brasileira".

ENTREVISTA

Milton Hatoum

Miguel Conde

O GLOBO: *Em seu ensaio "Expatriados na pátria pátria" você faz um estudo comparativo sobre Euclides da Cunha e Joseph Conrad. Poderia falar sobre isso?*

MILTON HATOUM: Isso seria a minha tese de doutorado, mas acabei abandonando o curso para escrever "Dois irmãos". Conrad e Euclides foram contemporâneos. Ambos tinham essa ânsia da descoberta, da viagem, do desconhecido. O Conrad por sua própria profissão: ele era marinheiro, chegou a ser capitão da marinha mercante inglesa. O Euclides era um patriota, no bom sentido. Um homem que queria descobrir o deserto, as regiões mais distantes e inóspitas do Brasil. Os dois são filhos de uma mesma época, de uma época que privilegiava a ciência, o progresso, o positivismo, as descobertas científicas, o evolucionismo. E ambos eram pessimistas, embora o Conrad fosse mais desconfiado que Euclides, mais sombrio.

• O contato com a Amazônia teve sobre Euclides um efeito comparável ao da viagem a Canudos?

HATOUM: Muito do que Euclides escreveu n"Os Sertões" vem de uma cultura livresca. Ele passou pouco tempo na Bahia, menos de um mês no cenário da batalha. No caso da Amazônia, foi muito diferente. Ele passou mais de um ano lá. Essa vivência foi muito importante. Nos ensaios amazônicos há muito menos do determinismo climático e das teorias raciais que são dois anacronismos quase aberrantes n"Os Sertões". Isso foi muito mitigado nos ensaios amazônicos, embora ao falar dos nativos ele seja altamente preconceituoso, e acabe por isso sendo ingênuo, atribuindo problemas da região à preguiça, à lascívia, ao furto. Ele cai nessa armadilha.

• Como ele vê a Amazônia?

HATOUM: Ele percebeu que o regime de trabalho nos seringais era de escravidão, semi-escravidão. Daí aquela frase famosa dele: "o seringueiro é um homem que trabalha para escravizar-se, é um expatriado na própria pátria". Curiosamente, ele escrevia das análises dele o caboclo amazônico e os índios. Para ele, o que interessa na colonização da Amazônia é o mesmo sertanejo de Canudos. O imigrante que, desde as secas de 1860, vai para a Amazônia, saído do sertão do Ceará, da Paraíba, e que povoa a Amazônia. Aí tem esse traço patriótico do povoamento, dos seringueiros que se fixam à terra, ao contrário do caucheiro peruano, que é nômade e predador, pois derruba a árvore. Quem vai realizar a posse da terra é esse seringueiro nordestino, vitabilizando a civilização que Euclides vislumbra no futuro. Ele é o protagonista dessa civilização com que ele está sonhando.

• Ele se preocupa com a preservação da natureza?

HATOUM: Ele é muito contraditório quando fala da natureza amazônica. É um movimento pendular. Ora ele é deslumbrado pela natureza, que ele chama de maravilhosa, portentosa, ora ela é uma natureza degradante, destruidora, uma espécie de inferno. Aí ele não sabe para onde vai. Mas critica a depredação da floresta.

• Saindo do plano apenas ideológico, quais os méritos literários dos textos dele sobre a Amazônia?

HATOUM: Em "À margem da História" há um texto admirável, que é o "Judas-Asvero". É um texto tão bom quanto a parte final de "Os Sertões". Dele estão excluídas essas teorias raciais, climáticas. É um relato sobre a construção dessa escultura de pano que representa Judas, no sábado de Aleluia, e que serve como desforra dos seringueiros contra Deus e o mundo, uma desforra se passando ali no fim do mundo. É uma espécie de quadro dissonante da obra do Euclides. Tanto que ele não quis publicar esse texto. Achava muito pitoresco. Foi Coelho Neto que disse para ele, "Isso é uma das melhores coisas que você já escreveu". Aí não é o Euclides sociólogo, geógrafo, estatístico, historiador. É o Euclides que poderia ter sido um ficcionista.

• Lendo Euclides você aprendeu algo sobre a Amazônia, ou teve com ele apenas lições literárias?

HATOUM: Os escritores inventam mitos de leituras precoces. Há uns que leram Proust aos nove anos de idade e coisas assim. Eu não fui esse leitor precoce. Mas fui uma vez, por obrigação. Aos 14 anos, eu tive que ler trechos d"Os Sertões", como punição disciplinar na minha escola em Manaus. Eu fiquei maravilhado. Euclides é um gênio verbal. Ali também percebi que meu mundo não era só o Amazonas. Que havia um outro Brasil. Depois, quando eu li os ensaios amazônicos, percebi com clareza como funcionava o regime de trabalho dos seringais. Isso foi também uma revelação.

• Que legado esse impulso de desbravamento de Euclides da Cunha deixa para os intelectuais e autores brasileiros? Esse gesto de exploração ainda é importante?

HATOUM: Hoje, infelizmente, muito menos. Hoje muita gente quer esculharbar o Brasil. Está na moda essa atitude cínica, e o Brasil é muito mais complexo do que isso. Mas o Mário de Andrade foi um euclidiano. Saiu para conhecer o Brasil todo. O Mário leu os ensaios amazônicos, O Guimarães Rosa também. "Nonada", por exemplo, é uma palavra usada por Euclides em "À margem da História". Então também nesse sentido ele deixou sim um legado importante. Nossa mente é muito colonizada, e o Euclides era revoltado com isso. ■

ENTREVISTA

Ronaldo Correia de Brito

Guilherme Freitas

O GLOBO: *Qual é o papel de Euclides na criação da imagem que temos do sertão?*

RONALDO CORREIA DE BRITO: Alguns livros são marcos dessa tentativa de definir o sertanejo e esse universo a que se chama sertão. É preciso que se diga que o sertão ficou conhecido como uma geografia do Nordeste, mas na verdade era tudo que ficava além do litoral. Os bandeirantes se referiam ao interior de São Paulo como "os sertões". Antes de Euclides, há um livro em que o sertão e o sertanejo estão romantizados: "O sertanejo", de José de Alencar. Mas é com Euclides que "os sertões" passam a ser o sertão do Nordeste e o sertanejo, o nordestino.

• Quem é o sertanejo de "Os Sertões"?

CORREIA DE BRITO: Embora a frase mais conhecida seja "O sertanejo é antes de tudo um forte", e embora no fim das contas prevaleça uma certa simpatia por aqueles personagens que ele trata na maior parte do tempo como lunáticos, quase sempre esse povo é visto como um subproto. Salmos do romantismo de Alencar, com um sertanejo tão idealizado quanto o índio de "O Guarani", e passamos a essa visão cientificista, e até certo posto fascista, que fala em raças inferiores e raças superiores. Apesar de tudo que há de positivo para a criação de um imaginário sertanejo, há em Euclides pontos de vista muito negativos.

• E como essa imagem de sertão e de sertanejo construídas por Euclides são reelaboradas pela cultura nacional?

CORREIA DE BRITO: O fosso entre o sertão e o resto do país se abre ainda mais depois que Gilberto Freyre briga com os modernistas de São Paulo e lança o Manifesto Regionalista em 1926. A partir dal, e com o romance regionalista da década de 1930, o sertão vira propriedade do Nordeste. O romance de 30 estabelece um cânone, um padrão de construção, com José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e uma série de outros. Já "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, embora tenha a figura do migrante, traz uma visão completamente diferente. Graciliano tem uma visão moderna, livre do realismo naturalista e do cientificismo. O protagonista, Fabiano, poderia ser um personagem de qualquer latitude. Só está no sertão porque aquele é o universo de Graciliano, mas ele não tem nada com o regionalismo. O regionalismo já está morto ali. Graciliano cria uma nova imagem do homem do sertão.

• Nessa genealogia da literatura do sertão, onde entra Guimarães Rosa, sobretudo "Grande sertão: veredas"?

CORREIA DE BRITO: *(O editor)* Êuto Silveira cita em um ensaio uma conversa entre Manoel de Barros e Rosa. Manoel diz: "Precisamos de um escritor como você, Rosa, para frear, com sua estética, sua linguagem calibrada, os excessos do natural. Temos que enfuquecer o nosso verbo, adocê-lo de nós, a ponto que esse verbo possa transfigurar a natureza. Humanizá-la". Em Euclides, a natureza está cientificamente colocada; em Rosa, ela está transfigurada, humanizada. E quando digo a natureza, digo também o homem. O homem de Rosa tem uma aposta com o diabo; o homem de "Os Sertões" é o homem natural.

• Engotado o modelo regionalista, como podemos pensar o sertão hoje?

CORREIA DE BRITO: O sertão é uma invenção de cada um de nós. É preciso inventar outra maneira de olhá-lo. Ano passado, em Paris, fui a um bairro de imigrantes das ex-colônias francesas, e ali, naquele lugar, eu me senti inteiramente dentro do sertão. Em São Paulo, às vezes, eu me sinto no sertão. É às vezes, viajando pelo interior de Pernambuco ou da Paraíba, já não encontro o sertão. O que aconteceu? O sertão virou mera geografia. Sua heráldica é a mais pura imaginação. As marcas de ferrar gado são ilesas de colecionador, não há gado para ferrar. Os jagunços de Rosa, se existiam no tempo dele, já não existem; as fazendas do sertão de Minas hoje são de altíssima tecnologia. E as fazendas do Nordeste estão quase todas arruinadas, os currais estão vazios ou destruídos. O campo virou uma periferia de cidade grande. A ideia de sertão hoje é só uma geografia.

• E a ideia de sertanejo?

CORREIA DE BRITO: Há um poeta chamado Fabião das Queimadas, de fim do século XIX, que tem um poema belíssimo, épico, chamado "A morte do touro da mão de pau". Esse poema termina, de forma profética, com uma visão daquele mundo que se resume em dois versos: "Já morreu, já se acabou, e está fechada a questão". Se você entrar na sua camioneta com ar condicionado, escutando Radiohead, com o laptop do lado e boas câmeras fotográficas, é possível encontrar resquícios desse mundo arcaico. Mas vai encontrar também uma mulher de moto, com a avó na garupa, tangendo gado na beira da estrada.

• Seus personagens vivem divididos entre a regalia e o fascínio que sentem pelo sertão. É possível encontrar um equilíbrio entre esses sentimentos?

CORREIA DE BRITO: Na minha cidade, o Crato, há uma banda chamada "Os irmãos Anicetos". São cinco músicos, o pai e quatro filhos. Um dia, eles foram a São Paulo e visitaram o prédio mais alto da cidade. Lá em cima, perguntaram a eles: "O que vocês estão vendo?". E um deles respondeu: "O Crato". Quem vê o sertão uma vez sempre vai ver o sertão, mesmo que em memória, e mesmo que essa memória seja pura invenção. ■

O Conselheiro redivivo

Silviano Santiago

• Machado de Assis e Guimarães Rosa são prosadores amados pela crítica e a historiografia literária. Ensaios e livros os analisam e atestam a perenidade de sua contribuição à cultura brasileira. No entanto, os dois grandes não nos legaram obra que, à semelhança de "Os Sertões", convidasse os criadores de arte à constante erudição. Se a análise científica exaltece "Memórias póstumas de Brás Cubas" e "Grande sertão: veredas", é a escrita criativa que, nos desdobramentos da cultura brasileira, vem atestando a favor das inseminações feitas pela obra-prima de Euclides da Cunha.

É algo de concreto a fertilidade da semente de "Os Sertões". Não me refiro apenas aos romancistas João Felício dos Santos ("João Abade"), Paulo Dantas ("O capitão jagunço"), ou Jorge Amado ("Seara vermelha"). Refiro-me também ao cineasta Glauber Rocha ("Deus e o diabo na terra do sol") e aos dramaturgos Dias Gomes ("A revolução dos beatos") e Jorge Andrade ("Vereda da salvação"). Não esqueço a recente retomada do texto euclidiano pelo mago José Celso Martinez Corrêa. Para o leitor curioso, "Os Sertões" é hoje seus descendentes e muito mais.

Nenhum dos criadores inseminados por "Os Sertões" correu os riscos assumidos por José J. Veiga no romance "A casca da serpente" (1989). A obra de Euclides germinava na sua escrita ficcional autêntica. Aguardava-se o dia do parto.

Desde 1969, data da publicação de "A usina atrás do morro", estávamos à espera que o cuaitista metesse a mão na cumbuca euclidiana. Aquele conto é uma notável parábola sobre o conflito fratricida gerado pela implantação da indústria numa comunidade rural. Nele, a modernização pelo progresso encaixa-se industrial se dá na clave do exercício do poder pela violência indiscriminada e coisas-sina. "A usina atrás do morro" prefigurava a atualidade de "Os Sertões". A ficção brasileira conseguiria abrigar os novos arraiais de Canudos que pipocavam pela zona rural?

Enquanto a prole acima citada se exercita em reencarnações do "tipo humano" criado por Euclides, o beato politizado, avatar do "rebelde primitivo europeu", para usar o termo de Eric Hobsbawm, J. J. Veiga vai além. Resolve barralhar não apenas o relato e os personagens de "Os Sertões", como os dados históricos e sociais que foram meticulosamente levantados pelo autor euclidiano. Na sua criação, Veiga se detém no fundamento chefe de Canudos — a utopia brasileira interiorana.

Para o leitor curioso, "Os Sertões" é hoje seus descendentes e muito mais

Se a campanha militar republicana riscou Belo Monte do mapa, como está descrito nos capítulos finais do épico euclidiano, o ficcionista Veiga reconstruirá o povoado rebelde em outra localidade do Brasil e a partir dura organização comunitária bem diversa da idealizada pelo beato. Ato inaugural da ficcionista ressuscitar o corpo enterrado no santuário da Igreja Nova. Para tal, se vale de truque inspirado pelos conselheiristas. São eles que, à semelhança dum amarelinho em peça de Ariano Suassuna, bolam um plano diabólico.

No término que, a partir de 6 de outubro de 1897, recobrecemos como o do Conselheiro, os jagunços tinham enterrado um sósia de Antônio Vicente Mendes Maciel. Era seguida, antes que o carinhão Krupp botasse abaixo o arraial, os sobreviventes tiraram sábio rurso ao rondete do país. A cabeça degolada e exposta à curiosidade científica de Nina Rodrigues é, na ficção de Veiga, a dum sósia do Conselheiro. Arrasa o gatilho da nova trama. O protagonista e os jagunços seriam os mesmos e diferentes. A comunidade interiorana seria a mesma e diferente.

O ponto forte de "A casca da serpente" são as transformações por que passa a trama histórica de "Os Sertões" e os novos perfis dos velhos personagens nela envolvidos. A serpente perde a sua casca autoritária e autocrática — justificase o título do romance. Lêse na primeira página: "Antes o Conselheiro resolvia tudo sozinho e consumava a decisão aos seguidores, agora falava no plural, nós resolvemos depois que ouvir". O beato se alimenta melhor e rezа mesmo. É chamado de "tio" Antônio. Diz: "é preciso evitar os erros de Canudos, formar outro arraial voltado para as necessidades das pessoas, não se perdendo tempo com rezas". Os jagunços, por sua vez, não se comportam como se diante da figura fantasmagórica do lunático. Contam piadas e riem.

O elenco é acrescido por várias "visitantes", tornando a trama semelhante a uma colagem surrealista. Chiquinha Gonzaga cruza com o fotógrafo Militão. O cientista Orville conversa com Pedro Ivo. É uma transposição para o sertão de Piotr Kropotkin (1842-1921), o célebre anarquista comunista. Desfindase a utopia de Veiga — em tempos de globalização, seria semelhante a uma comunidade civil e anárquica. Ao se descentralizar o poder pelos efeitos de alegria e de prazer no cotidiano, refaz-se pela lição pedagógica e pelo vírs democrático o antigo arraial baiano, intolerante e xenófobo.

Sob a batuta do tio Antônio, trabalho, progresso e ciência, devidamente cerzidos pelas lições do anarquista e professor Pedro, retiram o leitor dos conflitos oitocentistas entre monarquia e república, escravidão e sua abolição, elite e poder militar. Entregam-no à leitura dura parábola — e não um relato realista sobre o fim do milênio. Em tempos de internet e de luta revolucionária, os aliádados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) buscam um lugar melhor ao sol da nacionalidade. Casos os ramos do mundo não fossem dilatados por fados adversos, haveria no romance de Vêsga uma proposta civilizatória ninocológica e feliz, ahistórica, civil e anárquica. Nessa matéria, não há *happy ending* hollywoodiano — ela a principal lição de "A casca da serpente". Pessimismo irremediável? Talvez sim.

No lugar onde se erguera a nova utopia de Veiga existirá — assim reza o último parágrafo do romance de 1989 — "um depósito de lixo atômico administrado por uma indústria química com sede fictícia no Principado de Mônaco". Os jornais nos informam que, 20 anos depois, em julho de 2009, um cargueiro britânico deposita contêineres com lixo em nosso país. Restrito aos termos da nacionalidade, Euclides da Cunha denunciava a campanha de Canudos como um crime. O que fazer com os crimes que, em norte do trabalho, do progresso e da ciência, hoje se cometem contra as comunidades interioranas, perdidas no mapa da nacionalidade?

SILVIANO SANTIAGO *é crítico, ensaísta e escritor, autor do romance "Heranças" (Rocco, 2008), entre outros*

https://acervo.oglobo.globo.com/?service=printPagina&imagemPrint=https%3A%2F%2Fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2FPDFs_XMLs_paginas… 1/1